O ser que pode ser compreendido é linguagem

Sérgio Murilo Rodrigues
Doutorando / Universidad Complutense de Madrid / Filosofia

Hans-Georg Gadamer (1900-2002) afirmou no seu livro *Verdade e Método* que *o ser que pode ser compreendido é linguagem* (1998, p.687). O que ele quis dizer com isso?

A frase surge no contexto da discussão acerca do caráter universal da hermenêutica. Gadamer nos diz: *Nossa reflexão tem sido guiada pela idéia de que a linguagem é um centro em que se reúnem o eu e o mundo, ou melhor, em que ambos aparecem em sua unidade originária* (1998, p.686). Essa citação nos remete imediatamente para o mestre de Gadamer, Martin Heidegger (1889-1976), e a sua afirmação de que *A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem.os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação* (1979, p. 149). O que ambos quiseram dizer?

Eles quiseram falar daquilo que hoje chamamos de “giro lingüístico”. A linguagem deixa de ser um mero instrumento de intermediação entre o pensamento e as coisas e passa a ser o próprio *medium* no qual estão inseridos pensamentos e coisas. A linguagem deixa de ser um “carteiro” que simplesmente carrega uma mensagem de um ponto a outro e quando interfere na mensagem causa o erro. Agora, a linguagem é o “intérprete” que atua e interfere nos dois pólos da comunicação e precisa que seja assim. Quem bem poderia ilustrar esta nova dimensão da linguagem é Platão no *Banquete*, quando define o que seria o amor (Eros):

> *Um grande gênio* (daimon)*, ó Sócrates; e com efeito, tudo o que é gênio está entre um deus e um mortal. E com que poder? perguntei-lhe. O de interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens, e aos homens o que vem dos deuses, de uns as súplicas e os sacrifícios, e dos outros as ordens e as recompensas pelos sacrifícios; e como está no meio de ambos, ele os completa, de modo que o todo fica ligado todo ele a si mesmo. Por seu intermédio é que procede não só toda arte divinatória (...)* (1979, p.34-5).

Bastaríamos substituir o *daimon* (Eros) pela linguagem e teríamos a nova percepção da linguagem como envolvendo toda a dimensão compreensiva do mundo. Segundo Manfredo de Oliveira:

> *Numa palavra, não existe mundo totalmente independente da linguagem, ou seja, não existe mundo que não seja exprimível na linguagem. A linguagem é o espaço de expressividade do mundo, a instância de articulação de sua inteligibilidade* (1996, p.13).

Manfredo não está se referindo aqui ao mundo físico pura e simplesmente, enquanto fato bruto, aquele que existia antes da linguagem surgir e provavelmente continuará a existir depois que ela tiver ido embora. Não se trata deste mundo, mas do *mundo* que tem ou pode vir a ter um sentido para os seres capazes de linguagem, ou seja, os seres humanos (por isso, a linguagem é a casa do ser e o homem mora nela). Trata-se de um mundo que pode ser compartilhado, ou melhor, que pode ser compreendido.

Como acontece a *compreensão do mundo e do ser*? Esta é a preocupação principal de uma *hermenêutica filosófica*. Em Gadamer, o conceito de *compreensão* é o constitutivo fundamental do ser histórico. Trata-se de um conceito existencial e não epistemológico. A existência é compreensão. Ela precisa ser compreendida. E esta compreensão acontece na medida em que o ente capaz de linguagem vive a sua história. Não há como "parar" ou "sair" da história, ou seja, não há como ter uma atitude *objetivante* em relação à vida, pois aqui não se trata de explicar a vida, mas de compreendê-la. Toda compreensão, para o ser humano, é simultaneamente *autocompreensão*, já que ele é simultaneamente intérprete e participante da tradição histórica. Desta forma, a *tradição histórica-linguistica* fornece as condições de possibilidade de toda compreensão possível. Essa tradição histórica é o *medium* intransponível de toda compreensão. Ela estabelece uma inevitável *pré-compreensão* para toda a experiência humana. Esta pré-compreensão são os pressupostos e os preconceitos com os quais temos que interpretar a nossa experiência. Não se trata de uma questão de escolha, a tradição não está a nosso dispor para fazermos o que quisermos, mas nós é

que estamos sujeitos a ela. É como subir em uma escada, onde sempre temos que nos apoiar em um degrau (pressupostos) para podermos alcançarmos o próximo degrau, seja para cima, seja para baixo.

Mas e a linguagem? Ora, a compreensão da nossa existência precisa ser *interpretada*. Toda compreensão é também interpretação. E toda interpretação se desenvolve no seio da linguagem. É como se toda experiência fosse um "texto", que precisasse ser lido e interpretado. Essa interpretação não tem um sentido exclusivamente teórico ou intelectual. O cházinho que minha avó fazia quando eu ficava gripado, pressupunha uma compreensão (a tradição histórica) que era interpretada pela minha avó naquele cházinho. Esta interpretação só pode ocorrer na "casa da linguagem". Para benzer precisamos de "palavras" especificas e precisas, o chá obedece a uma receita que está escrita ou na memória na forma de símbolos lingüísticos. O ser só se manifesta para nós de uma forma compreensível através da linguagem. Tudo aquilo que conseguimos compreender do ser é através da linguagem. Mesmo quando falamos de algo *incompreensível*, na verdade estamos estabelecendo uma compreensão através da linguagem. Uma manifestação incompreensível do ser está completamente excluída da linguagem e portanto dela nada podemos falar. O ser só se torna acessível à compreensão através da linguagem.

Alguém poderia levantar a hipótese de que é possível haver uma compreensão que esteja fora da linguagem, por exemplo, uma compreensão artística, uma compreensão religiosa ou mesmo a compreensão da dor. Alguém poderia dizer que uma música é compreendida auditivamente, que uma revelação mística se caracteriza justamente por ir além das palavras e que a dor não pode ser descrita. Precisamos observar que Gadamer faz questão de deixar bem claro que o ser é uma totalidade maior que a linguagem. Ele não diz "a linguagem pode compreender o ser", mas sim "o ser que pode ser compreendido é linguagem" (*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*). *Werden* é um verbo auxiliar alemão, que poderíamos também traduzir por "tornar-se" e nesse caso indica um movimento de desvelamento (o ser torna-se compreensível), mostrando que sempre há mais ser que linguagem, sempre há

uma dimensão do ser que não é ainda compreensível, mas pode se tornar (ou não). O ser sempre consegue superar a capacidade humana de expressá-lo. Além disso, a linguagem revela, mas também oculta, através do dito e do não-dito que compõem toda fala. Se o meu texto revela uma comunicação para um simpósio de hermenêutica, ele também esconde as minhas motivações, minhas dificuldades, minhas dúvidas. Desta forma, Gadamer, de maneira nenhuma, pretende dizer que a linguagem pode compreender plenamente o ser. Pelo contrário, ele quer dizer que a compreensão do ser e do mundo é sempre provisória, limitada, sujeita a novas interpretações. Uma compreensão total e definitiva é impossível e a linguagem nunca esgota o sentido da sua afirmação, pois ela sempre remeterá para algo que está além daquilo que é afirmado. O ser sempre pode ir além da nossa capacidade de expressá-lo pela linguagem. Mas voltemos à objeção acima, de que seria possível uma compreensão não-lingüística do mundo. Essa objeção não se sustenta, pois sempre podemos falar da compreensão que tivemos, mesmo que não sejamos capazes de esgotar o ser que está presente ali. Podemos falar da música que ouvimos, da revelação que tivemos e da dor que sentimos. Estamos dizendo que falar da música é a mesma coisa que ouvir a música? Claro que não! Estamos falando de *compreensão* e que não existe uma situação de compreensão que não possa ser comunicada pela linguagem. Uma dor que não posso comunicar nem para mim mesmo é uma dor que não compreendo, mas de maneira nenhuma é uma dor que não existe. Lembrando que "compreensão" não tem aqui um sentido epistemológico de conhecimento explicativo das causas.

Assim segundo o que foi dito anteriormente, a compreensão hermenêutica possui um alcance universal, pois todos os seres humanos estão inseridos em uma linguagem, mesmo que seja através de diferentes línguas. Os homens perguntam pelo ser através da linguagem e estabelecendo diversas linguagens, como da natureza, da arte, das estrelas, do corpo etc. Segundo Manfredo de Araújo, *Gadamer explicita aqui o verdadeiro sentido da reflexão hermenêutica: a hermenêutica não é a base metodológica das assim*

chamadas ciências do espírito, mas um aspecto universal da filosofia enquanto tal (1996, p. 245)

Embora os homens sejam os únicos entes dotados de linguagem e sem dúvida alguma eles são os criadores das línguas, não podemos dizer que os homens controlam a linguagem. Aqui, está claro qual é o alvo de Gadamer: a subjetividade cartesiana. Gadamer não pode concordar com um "eu" que seja independente da linguagem, como já foi dito, toda compreensão é simultaneamente auto-compreensão, ou seja compreendemos o próprio "eu" através da linguagem. Logo, o "eu" se forma dentro de uma tradição lingüística já dada e que influencia essa formação do "eu". Um sujeito quando fala, certamente escolhe as palavras que irá usar, mas essa escolha ocorre dentro de um estoque de palavras pré-determinado. Ele não pode escolher palavras que estejam além da linguagem disponível para ele. Neste sentido, podemos dizer que o sujeito sofre as conseqüências da tradição lingüística e não a comanda. Mesmo quando colaboramos para as mudanças que ocorrem freqüentemente na linguagem, fazemos isso dentro do espaço intersubjetivo da comunidade lingüística (dentro da tradição) e não individualmente. Jürgen Habermas (1929-) considera esta constatação de que nós não falamos a linguagem, mas que a linguagem nos fala como uma tese fundamental da hermenêutica. *(...) segundo a formulação romântica de Gadamer, não podemos transcender "o diálogo que nós somos"* (HABERMAS, 1987, p. 40).

Habermas se apropriou de muitos pontos da reflexão hermenêutica, entretanto discorda da tese fundamental da hermenêutica de Gadamer. Temos que considerar a possibilidade de uma reflexão crítica acerca da própria tradição histórica-linguistica. *A consciência hermenêutica será incompleta enquanto não assumir em si a reflexão sobre os limites da compreensão hermenêutica* (HABERMAS, 1987, p. 40). Não se pode aceitar que a tradição seja considerada um elemento último inquestionável. Segundo Habermas, Gadamer se deparou com a seguinte questão:

> *Pero si la unidad de la razón se deshace en la multiplicidad de sus voces históricas, la verdad tiene que renunciar a su pretensión de*

> *validez universal. ¿Qué asegura, entonces, el carácter vinculante de nuestros juicios y de nuestra orientación en la vida en general?* (2001, p. 99-100).

A resposta de Gadamer será a tradição. Embora Habermas não discorde completamente de Gadamer, ele não pode aceitar que a tradição, ou melhor, que a própria linguagem em que nos movemos não possa ser problematizada, para que certos elementos dela sejam recusados. Não podemos ser seres meramente passíveis, através dos quais a tradição fala. Se aceitarmos a hipótese de Gadamer de que toda crítica se move já dentro de uma tradição, que condiciona a crítica de tal forma a manter determinados elementos da tradição intocáveis, então não seria possível resistir ao nazismo, ao stalinismo e as ideologias de maneira geral.

Habermas concorda que *o ser que é compreendido é linguagem*, mas ele insiste em acrescentar uma dimensão crítica capaz de questionar a própria linguagem (tradição), sem recorrer a nenhum artifício metafísico, já que realmente não podemos “ir além” da linguagem. Por isso, a crítica precisa ser feita por uma razão *destranscendentalizada*.

Para Habermas a linguagem é também o *medium* intransponível de todo sentido e validez. Qualquer problema que surja em relação ao sentido de uma ação ou em relação à validez de um conhecimento ou de uma norma só pode ser resolvido na esfera comunicativa do discurso através de um entendimento ou de uma compreensão. O mundo não é transparente para nós, precisamos interpretar e para isso precisamos da linguagem. Esta necessidade da linguagem se explicita na pergunta acerca da finalidade (*telos*) da linguagem. A sua finalidade é o entendimento mútuo (a compreensão) e isto revela a necessidade do homem relacionar-se com o mundo e com os outros através deste entendimento.

E a dimensão crítica? Habermas a localiza na própria estrutura pragmática da linguagem. A ação de falarmos uns com os outros envolve certos pressupostos inevitáveis. Negar um desses pressupostos é negar a própria possibilidade da comunicação. Um desses pressupostos é que ao

falarmos com os outros propomos pelo menos quatro pretensões de validez: eu pretendo que seja *verdadeiro* aquilo que afirmo, que seja *justa* a norma que recomendo ou me baseio para dar uma ordem, que seja *veraz* a intenção e os sentimentos que revelo e *inteligível* o que digo. São as pretensões de verdade, justiça, veracidade e inteligibilidade. Como são apenas pretensões, elas podem ser problematizadas pelos ouvintes, obrigando o falante a justificar, fundamentar ou legitimar a sua pretensão de validez. No caso da pretensão de verdade e de justiça, o procedimento de justificação é feito através de discursos. Nas argumentações discursivas temos que supor que em princípio todos os afetados possam participar como livres e iguais em uma busca cooperativa da verdade ou da justiça, sendo que a única força que pode ser exercida é a força do melhor argumento. Assim determinamos um segundo pressuposto: a comunicação cotidiana orienta-se por um entendimento que visa o consenso intersubjetivo através da discussão racional das pretensões de validez envolvidas. No dia-a-dia este consenso é pressuposto como já estabelecido. Pergunta-se a alguém onde fica o ponto do ônibus, acredito que ele me dirá a verdade. Ou seja, pressuponho que existe um consenso vigorando entre nós dois de forma que não preciso duvidar daquilo que ele fala. Os pressupostos pragmáticos do agir comunicativo não revelam um uso ostensivo da força física, pelo contrário, só posso ser enganado porque pressuponho que o outro me diz a verdade. Assim, a qualquer momento e diante de qualquer pessoa podemos entrar em um discurso argumentativo e pedirmos ao nosso interlocutor que mostre as razões que sustentam a fundamentação ou a legitimidade daquilo que afirma. Podemos, inclusive, propor modelos alternativos de linguagem, que não sejam aqueles reconhecidos pela tradição, mas que sejam mais racionais diante do tema em discussão.

A tradição lingüística estabelece os modos de compreensão, mas também modos de pseudocompreensão.

> *A autocompreensão da hermenêutica só poderá ser abalada quando se mostrar que modelos de comunicação sistematicamente*

> *distorcidos retornam também no discurso "normal", digamos, no discurso imperceptivelmente patológico. Assim ocorre no caso da pseudocomunicação, em que não fica reconhecível aos participantes uma perturbação da comunicação* (HABERMAS, 1987, p. 41)

Uma "comunicação sistematicamente distorcida" impede os sujeitos capazes de ação e fala de problematizarem certas pretensões de validez. A tradição pode assim também interditar a comunicação, sem com isso sair da linguagem, mas trata-se de uma linguagem que se move em um falso consenso. Esses falsos consensos precisam ser problematizados e postos em discussão pública.

Habermas defende assim a tese de que a linguagem possui uma dimensão crítica que permite questionar a própria linguagem utilizada para se alcançar o consenso.A linguagem possui uma dimensão auto-referencial que se funda na chamada "dupla estrutura da fala":

> *Esta desconexión es condición para la diferenciación de la doble estructura del habla, es decir, para la separación de dos niveles de comunicación en los que hablante y oyente han de entenderse simultáneamente si se quieren comunicar mutuamente sus intenciones. Voy a distinguir entre a) el plano de la intersubjetividad en que el hablante y el oyente establecen mediante actos ilocucionarios relaciones que les permiten entenderse entre si y b) el plano de las experiencias y estados de cosas, sobre los que hablante y oyente tratan de entenderse en el medio de la función comunicativa fijada por (a)* (HABERMAS, 1989, p.341).

Essa dupla estrutura permite separar no ato de fala o componente cuja validez pode ser questionada (o ato ilocucionário) e o conteúdo da fala propriamente dito.

> *Con la doble estructura del habla guarda relación un rasgo fundamental del lenguaje, a saber: la reflexividad que le es inmanente. Las posibilidades estandarizadas de mención directa e indirecta del habla se limitan a hacer explícita una autorreferencialidad, que ya está contenida en todo acto de habla* (HABERMAS, 1989, p. 342).

Graças à auto-reflexividade inerente ao próprio funcionamento pragmático da linguagem podemos tematizar a própria tradição lingüística. Aliás, todo conhecimento e toda norma são falíveis e portanto nada pode ser excluído duradouramente da tematização crítica. Esta auto-reflexão da

linguagem permite que a linguagem “transcenda” a si mesmo sem que isto envolva um compromisso metafísico. É o que Habermas chama de “destranscendentalização” da razão. Em um primeiro momento, Habermas fala de um conceito fraco de “transcendental”:

> *Llamamos “transcendental” a la estructura conceptual que se repite en todas las experiencias coherentes, mientras no quede refutada la afirmación de su necesidad y universalidad. En esta versión más débil se abandona la pretensión de que de esa necesidad y universalidad pueda darse una prueba a priori* (HABERMAS, 1989, p. 321).

Posteriormente ele abandona totalmente a idéia de “transcendental”. Segundo Habermas,

> *A “situação da razão” foi compreendida como tarefa de uma destranscendentalização dos sujeitos cognoscentes, não só na linha de tradição do pensamento histórico desde Dilthey até Heidegger, como também na do pensamento pragmático desde Peirce até Dewey (e, certamente, Wittgenstein). O sujeito final deve encontrar-se “no mundo”, sem perder absolutamente sua espontaneidade “testemunhadora do mundo”* (2002, p.31).

A linguagem que estabelece as estruturas da racionalidade é capaz de falar de si mesma sem abandonar os sujeitos reais, de carne e osso, situados temporal e espacialmente. Não precisamos imaginar nenhum sujeito ideal fora da situação histórica. Só precisamos imaginar sujeitos racionais discutindo em busca de um consenso universalmente válido a partir da sua situação particular, mas considerando todo possível contra-argumento.

> *A destranscendentalização conduz, por um lado, à inserção dos sujeitos socializados em contextos do mundo da vida; por outro lado à convergência da cognição com o falar e o agir* (HABERMAS, 2002, p. 38-9).

Com as pretensões de validez, o falante e o ouvinte “transcendem” os critérios provincianos de uma comunidade de interpretes meramente particular, sem com isso precisarem pressupor nada além de argumentos que possam ser justificados com razão. Não há nenhum *a priori* que os sujeitos capazes de ação e de fala precisem aceitar necessariamente, nem mesmo os *a prioris* da tradição. As *suposições pragmáticas-formais* sobre o mundo pertencem a todo

sujeito comunicativamente competente, ou seja, capaz de agir e falar na prática cotidiana.

Assim Habermas garante uma compreensibilidade do mundo através do diálogo racional, garante uma dimensão crítica transformadora na própria estrutura pragmática da linguagem, garantido que a linguagem é também a "casa da liberdade" e garantindo que não é preciso nenhuma estrutura metafísica, nenhum apriorismo transcendental para se garantir a validez universal de afirmações verdadeiras e normas justas.

Assim, a frase *o ser que pode ser compreendido é a linguagem* significa para Habermas que não é preciso ir além do discurso para obtermos uma compreensão racional verdadeira e justa do mundo. Certamente que esta compreensão nunca será definitiva, pois ela é falível. Até mesmo aquilo que hoje supomos ser pressupostos inevitáveis da fala podem ser tematizados em um discurso e criticados e no futuro terem que ser substituídos. Nada está excluído de problematização. Por isso Habermas prefere utilizar o termo "validez" (Gültigkeit) ou invés de "validade" (Geltung), pois "validade" tem um sentido de necessidade lógica, que não pode ser mudada. E "validez" refere-se a aquilo que é valido devido a argumentos, aquilo que é válido para nós.

Mas isto não quer dizer que devamos desconsiderar todo padrão normativo, seja a verdade, seja a justiça. Enquanto perdura o consenso racional que sustenta a validez dos padrões normativos, não há porque duvidar deles, nem mesmo da sua universalidade.

BIBLIOGRAFIA

1. HABERMAS, Jürgen. *Dialética e hermenêutica*. Tradução de Álvaro Valls. Porto Alegre: L&PM, 1987.
2. HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. Traducción de Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Cátedra, 1989.

3. HABERMAS, Jürgen. *Agir comunicativo e razão destranscendentalizada*. Tradução Lucia Aragão. Rio de janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
4. HABERMAS, Jürgen et alli. *“El ser que puede ser comprendido es lenguaje”*. Traducción de Antonio Gómez Ramos. Madrid: Síntesis, 2001.
5. HEIDEGGER, Martin. *Sobre o “humanismo”*.tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores).
6. GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
7. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea.* São Paulo: Loyola, 1996.